

 Imprimir  Comentários(2)  Enviar por Email Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  RSS

Anac age mais como se fosse uma agência do consumidor

O governo parece que tem saudades da Panair

Não muito tempo atrás, as empresas brasileiras de aviação eram quebradas. Deviam combustível, taxas aeroportuárias, não pagavam direitos trabalhistas, entre outras coisas. Eram absolutamente falidas. Dependiam de decisões judiciais acerca do impacto de planos econômicos para ganhar algum e tentar zerar as suas contas. Essa era a realidade de grandes empresas como a Varig, Transbrasil, Vasp e de outras que sumiram na poeira do tempo.

Hoje, a situação é outra. As principais empresas aéreas brasileiras não devem nada a ninguém. Não estão penduradas em dinheiro público. Nem estão em atraso nas taxas aeroportuárias nem no pagamento do combustível. Voam aeronaves novas e estão entre as melhores companhias aéreas do mundo. No entanto, apesar dessa invejável situação, o governo está jogando contra e parece desejar a volta ao passado.

Em vários aspectos, o quadro não é dos melhores. No tocante à infraestrutura, desde a crise do apagão aéreo (setembro de 2006) nenhum metro de pista foi construído no triângulo Brasília-Rio-São Paulo. Pelo contrário, agora querem acabar com o aeroporto do Campo de Marte e deslocar a aviação geral - a segunda do mundo - para sabe-se lá Deus onde. Houve, ainda, por conta dos acidentes, interpretações equivocadas do volume de pousos e decolagens nos aeroportos. Temos a situação paradoxal de ter o aeroporto de Congonhas subutilizado. Por que acabar com um aeroporto em uma situação onde temos aeroportos de menos e tráfego aéreo demais? Em condições normais, o volume de passageiros na aviação deve crescer cerca de 8% ao ano nos próximos anos. Significa que os aviões terão que aumentar a oferta de assentos em quase 50% nos próximos cinco anos.

Em muitos países, as empresas aéreas e a aviação são tratadas de forma estratégica. Tanto pelo aspecto militar quanto geopolítico e comercial. Daí o governo norte-americano ter injetado milhões de dólares nas empresas aéreas e manter programas de apoio e incentivo às mesmas.

No Brasil, além das empresas não terem subsídios nem políticas de estímulo, a visão estratégica da aviação foi perdida com o fim do Departamento de Aviação Civil (DAC). A Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) funciona de forma errática e inconsistente. Age mais como se fosse uma agência do consumidor do que do setor aéreo, o que é um grave equívoco. Duas medidas recentes foram muito ruins para o setor e mereceram uma inédita condenação unânime dos sindicatos de empresas e de trabalhadores. A questão do política tarifária de voos internacionais, que é tanto contra as empresas nacionais quanto contra o turismo interno. Agora, a partir de uma audiência pública virtual, a Anac baixou uma resolução - nº 113 - que prejudica as empresas aéreas nos aeroportos e despreza a aviação geral, base da formação de pilotos e mecânicos da aviação comercial. A norma estabelece critérios e procedimentos para a alocação de áreas aeroportuárias.

O Brasil de hoje tem pretensões de ser reconhecido como potência mundial. Um dos vetores das grandes potências é a presença de empresas aéreas de bandeira em escala mundial. É o caso dos EUA, França, Alemanha, Canadá, Rússia, entre outros. Mesmo países minúsculos, como os Emirados Árabes, investem pesado na aviação. No Brasil, falta ao governo visão estratégica sobre o setor. Parece que temos saudades dos tempos em que as empresas eram quebradas, deviam muito e a todos. Não é o que queremos para o Brasil. A Anac deveria ser a primeira a se preocupar com isso.



Publicado em: 30/09/2009

 Imprimir  Comentários(2)  Enviar por Email Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  RSS

Outras edições